



06 DE ABRIL DE 2018

Sexta-feira

- NOVOS PROJETOS DE LEI - NÚCLEO DE ASSUNTOS LEGISLATIVOS Nº 09. ANO XIV. 05 DE ABRIL DE 2018
- INFORMATIVO DE BUENOS AIRES
- CAPTAÇÃO LÍQUIDA DA INDÚSTRIA DE FUNDOS CAI À METADE NO 1º TRIMESTRE
- DEMANDA POR BENS INDUSTRIAIS RECUOU 1,6% EM FEVEREIRO ANTE JANEIRO, DIZ IPEA
- EMPREGO EVOLUI NAS MONTADORAS, MAS FALTA CONFIANÇA PARA DECOLAR DE VEZ
- GOVERNO ESTUDA REDUZIR A 4% TARIFAS DE IMPORTAÇÃO DE BENS DE CAPITAL, INFORMÁTICA E TELECOMUNICAÇÕES
- FINANCIAMENTO AUTOMOTIVO NO BRASIL CRESCE 30% NO 1º BIMESTRE
- DO TOTAL DE CNPJs DO BRASIL, 65% ESTÃO REGISTRADOS NO SIMPLES, MOSTRA PESQUISA
- MARCOS JORGE: "MERCOSUL ESTÁ COMPROMETIDO EM ATINGIR UM ACORDO ABRANGENTE E EQUILIBRADO COM A UE"
- ACORDO ENTRE MERCOSUL E UE DEVE SER FECHADO AINDA NESTE SEMESTRE, DIZ SECRETÁRIO DE COMÉRCIO EXTERIOR
- EMPRESA ANUNCIA FIM DE OPERAÇÃO EM TAUBATÉ E MAIS DE 300 SERÃO DEDITIDOS
- NOVO PLANO DE DEMISSÕES DA CAIXA TEM MENOS DA METADE DA ADESÃO ESPERADA
- COMISSÃO DO SENADO APROVA LICENÇA-MATERNIDADE DE 180 DIAS
- CRISE NA BRF AMEAÇA 400 PRODUTORES PARANAENSES; 2 MIL EMPREGOS EM JOGO
- CUSTO DA CESTA BÁSICA TEM REDUÇÃO EM 12 CAPITAIS, SEGUNDO O DIEESE
- INADIMPLÊNCIA DO CONSUMIDOR CAI 5,2% NO ACUMULADO EM 12 MESES

- MOODY'S FAZ RELATÓRIO POSITIVO SOBRE CORTE NO COMPULSÓRIO DE BANCOS BRASILEIROS
- PRAZO DA TAXA FIXA PARA CAPITAL DE GIRO DO BNDES SERÁ DE 3 A 5 ANOS
- POUPANÇA TEM CAPTAÇÃO LÍQUIDA DE R\$ 3,978 BI EM MARÇO
- CORTE DE COMPULSÓRIO PARA POUPANÇA E DEPÓSITO À VISTA É POSITIVO, DIZ MOODY'S
- CONSUMO E GERAÇÃO DE ENERGIA CRECEM 2% EM MARÇO, MOSTRA CCEE
- EXPORTAÇÃO DE VEÍCULOS EM VALORES SOBE 18,4% EM MARÇO, REVELA ANFAVEA
- MÉDIA DIÁRIA DE VENDAS CHEGOU A 10 MIL UNIDADES NO INÍCIO DE ABRIL, DIZ ANFAVEA
- FABRICANTES DE EQUIPAMENTOS DE INFRAESTRUTURA VEEM AVANÇO EM 2018
- VOLKSWAGEN INVESTE R\$ 2 BILHÕES EM FÁBRICA PARANAENSE PARA PRODUZIR CARRO INÉDITO NO PAÍS
- BORRACHA INTELIGENTE ENDURECE QUANDO TORCIDA
- FCA CONFIRMA CISÃO DA MAGNETI MARELLI
- PRODUÇÃO CRESCE 14,6% NO ANO COM ALTA DE VENDAS
- PRODUÇÃO DE VEÍCULOS É A MELHOR DESDE 2015
- RITMO DE EXPANSÃO DAS VENDAS DE VEÍCULOS TENDE A DIMINUIR, AVISA ANFAVEA
- COM VENDAS EM ALTA, PRODUÇÃO DE CAMINHÕES AVANÇA 55% NO TRIMESTRE
- VENDA DE MÁQUINAS MANTÉM QUEDA NO TRIMESTRE
- EXPORTAÇÃO RECORDE NUNCA FOI TÃO ALTA NO 1º TRIMESTRE
- PARALISAÇÃO DA ANGLO AFETARÁ CONCEIÇÃO DO MATO DENTRO

CÂMBIO		
EM 06/04/2018		
	Compra	Venda
Dólar	3,370	3,370
Euro	4,136	4,137

Fonte: BACEN

06/04/2018 – Fonte: FIEP

Confira nessa edição os novos projetos de lei apresentados na Assembleia Legislativa do Estado do Paraná.

ÍNDICE

NOVOS PROJETOS DE LEI ESTADUAL

LEGISLAÇÃO TRABALHISTA

SEGURANÇA E SAÚDE DO TRABALHO

Inserção no calendário oficial do Estado do Paraná a “Campanha Abril Verde”, que busca prevenir acidentes de trabalho e doenças ocupacionais

PL 162/2018 de autoria do deputado Ademar Traiano (PSDB)

INTERESSE SETORIAL

CONSTRUÇÃO CIVIL

Criação do programa de reciclagem de entulhos da construção civil

PL 168/2018 de autoria do deputado Rasca Rodrigues (PV)

INDÚSTRIA DE BIOCOMBUSTÍVEIS

Utilização do combustível etanol em veículos flex dos órgãos públicos da administração direta ou indireta, do Estado do Paraná

PL 172/2018 de autoria do deputado Fernando Scanavaca (PDT)

REGULAMENTAÇÃO DA ECONOMIA

RELAÇÕES DE CONSUMO

Regulamentação das regras de fidelização do consumidor

PL 176/2018 de autoria do deputado Gilberto Ribeiro (PRB)

Informativo de Buenos Aires

06/04/2018 – Fonte: CNI

A edição de março do **Informativo de Buenos Aires** está disponível para [download](#) no canal de Assuntos Internacionais da CNI.

Com o objetivo de informar o setor privado brasileiro sobre os últimos acontecimentos envolvendo o governo argentino e as relações bilaterais com o Brasil, seguem os destaques desta edição:

1. Mercosul e Canadá lançam negociações para acordo de livre comércio;
2. Resumo das negociações Mercosul-União Europeia em Assunção;
3. Sobretaxa de aço e alumínio pelos EUA;
4. Mercosul frente ao novo multilateralismo;
5. Exportações argentinas por conteúdo tecnológico.

Captação líquida da indústria de fundos cai à metade no 1º trimestre

06/04/2018 – Fonte: Folha de S. Paulo

Na renda fixa, captação caiu 92%, para R\$ 5,8 bilhões; movimento de 2017 foi atípico, diz Anbima



Queda de juros aumenta captação de fundos multimercados - Marcelo Justo/Folhapress

A captação líquida —diferença entre aplicações e resgates— da indústria de fundos de investimento recuou 54,6% no primeiro trimestre do ano em relação ao mesmo período de 2017, informou a Anbima (associação que reúne as entidades de mercado de capitais) nesta quinta-feira (5).

Até março, a captação líquida somou R\$ 49,9 bilhões, ante R\$ 109,9 bilhões no mesmo intervalo do ano passado.

Carlos André, vice-presidente da Anbima, diz que a queda se deve principalmente ao que chamou de "atipicidade" no ano de 2017. "Tivemos um movimento de captação líquida extremamente positivo, muito acentuado, em 2017. Nosso primeiro trimestre foi muito bom. Houve dois casos pontuais de captação líquida negativa [um fundo exclusivo de renda fixa e um FIDC —fundo de investimento em direitos creditórios], com valor superior a R\$ 28 bilhões", diz.

Segundo ele, descontados esses dois fatores, a captação no primeiro trimestre deste ano pode ser considerada expressiva e em linha com a média de R\$ 40 bilhões registrada para o período nos últimos cinco anos.

"Em 2017, houve uma captação muito forte ainda no segmento de renda fixa. Essa atipicidade é explicada pelo início da retomada de um ambiente macroeconômico mais positivo e pela redução das taxas de juros, com gestores capturando essa queda para gerar rentabilidade maior a seus produtos. Neste ano, isso é significativamente inferior."

A taxa básica de juros da economia recuou de 13% para os atuais 6,5% entre o início de 2017 e o primeiro trimestre deste ano. A redução provocou uma migração de investimentos de renda fixa para multimercados e ações, diz o vice-presidente da Anbima.

Na renda fixa, a captação caiu de R\$ 73,3 bilhões para R\$ 5,8 bilhões —queda de 92%. Nos multimercados, a captação líquida cresceu 47,3%, para R\$ 33,3 bilhões. E nos fundos de ações, passou de captação negativa de R\$ 500 milhões para positiva de R\$ 8,8 bilhões.

O patrimônio líquido da indústria cresceu 16,2% no primeiro trimestre, para R\$ 4,3 trilhões. Esse aumento foi acompanhado do crescimento do número de contas na comparação anual, passando de 12,6 milhões para 14,1 milhões.

"O crescimento dos investidores na indústria está relacionado ao ambiente macroeconômico favorável que acaba propiciando um ambiente favorável a que investidores busquem alternativas a seus investimentos, já que os rendimentos em

opções tradicionais na renda fixa, como a poupança, não são tão atrativos como eram com taxas de juros mais altas", avalia.

Para Carlos André, o ano eleitoral pode trazer volatilidade aos mercados e se tornar uma oportunidade para gestores de fundos multimercados continuarem entregando desempenho positivo neste ano, a exemplo do que ocorreu no ano passado.

Ele comentou ainda a decisão do STF (Supremo Tribunal Federal) de negar o pedido de habeas corpus da defesa do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Como reação, a Bolsa sobe nesta quinta e o dólar recua.

"O contexto de ano eleitoral trará situações em que o mercado pode apresentar mais volatilidade. A Bolsa abriu com performance positiva, mas nada fora da normalidade. Não há clareza de como a situação vai se desenrolar, o mercado vai apresentar altas e baixas. Há um ambiente mais volátil até que as coisas se esclareçam mais em relação ao mercado de capitais e ao ambiente macroeconômico", afirma.

Demanda por bens industriais recuou 1,6% em fevereiro ante janeiro, diz Ipea

06/04/2018 – Fonte: EM.com

A demanda por bens industriais recuou 1,6% na passagem de janeiro para fevereiro, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). No trimestre móvel encerrado em fevereiro, porém, o Indicador Ipea mensal de Consumo Aparente (CA) de Bens Industriais registrou alta de 1,2%.

Na comparação com fevereiro de 2017, o consumo de bens industriais foi 4,5% maior em fevereiro deste ano. O indicador é obtido através da soma das importações de bens industriais com a produção interna, excluídas as exportações.

Com o resultado de fevereiro, a demanda por bens industriais permanece com ritmo de crescimento mais intenso (com elevação de 4,5% em fevereiro ante fevereiro do ano anterior) do que o apresentado pela Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física (com alta de 2,8% no mesmo período), apurada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

"Isso é um sinal de que a atividade industrial está aquecida. A economia está demandando tanto os bens industriais produzidos no País quanto os bens importados", avaliou Leonardo Mello de Carvalho, pesquisador do Ipea e autor do estudo, em nota oficial.

Entre os componentes do consumo aparente, a produção doméstica líquida de exportações recuou 1,2% em fevereiro ante janeiro, enquanto as importações de bens industriais caíram 2,8%. A demanda por bens da indústria de transformação encolheu 1,9%, e o consumo de bens da extrativa mineral caiu 2,5%.

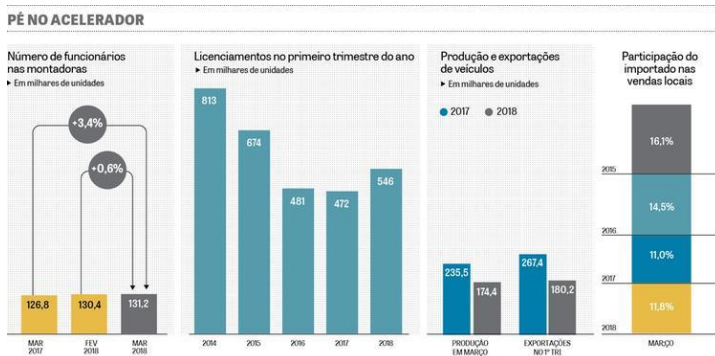
Na comparação com fevereiro de 2017, a produção industrial doméstica, excluídas as exportações, avançou 3,3%, enquanto as importações saltaram 10,0%. Houve avanços expressivos nos segmentos de equipamentos de informática (22,6%) e veículos automotivos (18,1%).

"Os dados nos mostram a retomada forte do consumo dos bens de consumo duráveis", afirmou José Ronaldo de Castro Souza Junior, diretor de Estudos e Políticas Macroeconômicas do Ipea, em nota.

Emprego evolui nas montadoras, mas falta confiança para decolar de vez

06/04/2018 – Fonte: DCI

A quantidade de pessoas empregadas no setor cresceu 3,4% em março na comparação anual, contudo, sem um horizonte claro de retomada mais robusta das vendas, os lay-offs continuam



As montadoras vêm contratando mais, entretanto, o número de funcionários em programas como lay-off persiste. Para executivos do setor, a falta de confiança ainda torna o horizonte nebuloso para que as empresas retomem os turnos de produção.

Em março, o número de empregados entre as montadoras chegou a 131,2 mil, um aumento de 3,4% na comparação anual e de 0,6% em relação a fevereiro, segundo dados da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea).

Por outro lado, o número de funcionários em lay-off (suspensão temporária do contrato de trabalho) subiu de 498 pessoas, em fevereiro, para 599 no mês seguinte. Já a quantidade de empregados em Programa Seguro Emprego (PSE) se manteve em 936 ao final de março.

O presidente da Anfavea, Antonio Megale, atribuiu esse aumento nos lay-offs à ação isolada “de uma empresa ou outra” fazendo ajustes na sua produção.

“As companhias contratam mais quando aumentam turno, mas sabemos que essa decisão é complexa, porque não dá para fazer o aumento de um turno sem a certeza de que a empresa vai colocar seus produtos no mercado. Passando de um turno para dois, a companhia dobra a sua capacidade de produção”, afirma.

Já o diretor-executivo da Anfavea, Aurélio Santana, explica que cada montadora está em um patamar diferente em termos de emprego. “Há montadoras que estão com dois turnos, podendo ir para três, e aquelas que estão com um turno só”, relata. Em sua opinião, algumas empresas ainda não estão com confiança o bastante para aumentar turno mesmo com a melhora do ambiente econômico e o aumento da demanda.

“Essa segurança vai ser obtida na medida em que o empresário conseguir administrar sua situação. Não dá para contratar e demitir no mês seguinte. As montadoras vão aumentar hora extra, instituir trabalho aos sábados, etc., até o limite da viabilidade. Depois é que passará a estruturar o próximo turno”, pontua

Apesar disso, Santana minimizou a importância dos dados negativos, já que os 1.535 funcionários em lay-off na indústria representam menos de 1% de toda a força de trabalho contratada pelas montadoras.

“A tendência é de aumento das contratações. Do começo do ano para cá, as empresas passaram a trazer de volta quem estava nesses programas de flexibilização. Superado

este estágio é que começaremos a ver um aumento mais consistente nas contratações”, diz.

Comércio exterior

Entre outros números exaltados pela Anfavea está o de exportações. No primeiro trimestre, os embarques chegaram a 180,2 mil unidades, contra 174,4 mil no mesmo período de 2017. “Tivemos recorde de exportações no acumulado desses três meses. Esperamos um crescimento de 5% em 2018”, conclui Megale.

Governo estuda reduzir a 4% tarifas de importação de bens de capital, informática e telecomunicações

06/04/2018 – Fonte: GS Notícias/O Globo



Às voltas com um mundo mais protecionista, mas com uma indústria nacional em desvantagem em relação às de outros países mais desenvolvidos, o governo se prepara para retomar o processo de abertura comercial, interrompido em meados da década de 1990.

Está para ser lançada em consulta pública uma proposta do Ministério da Fazenda, que dependerá da aprovação da Câmara de Comércio Exterior (Camex), que prevê um cronograma de redução das tarifas de importação de bens de capital, informática e de telecomunicações em quatro anos. A ideia é que, em 2021, a alíquota média desses produtos, atualmente de 14%, caia para 4%, não importando se esses itens são ou não fabricados no Brasil.

Segundo o secretário de assuntos internacionais da pasta, Marcello Estevão, esse debate em torno da nova política comercial não vai atrapalhar as negociações em andamento, como a que trata da criação de uma área de livre comércio entre Mercosul e União Europeia. Ele explicou que o critério é começar com itens que têm importância fundamental para a economia brasileira, usados praticamente por todos os setores. Não entrariam produtos finais, por exemplo.

- Produtos como bens de capital e bens de informática são insumos para todos os setores da sociedade. Simulações econômicas de vários pesquisadores mostram que a diminuição gradual, com sinalização para a indústria como um todo, traria um benefício significativo para todos os setores da economia, que teriam acesso a máquinas mais baratas.

A pressão de fora forçaria as indústrias domésticas a serem mais competitivas. Já os setores que produzem as máquinas sofreriam um impacto pequeno, negativo, num primeiro momento. Mas pequeno. Porque não estamos falando em baixar a tarifa para zero. Seria baixar para a média internacional - disse Estevão ao GLOBO.

O secretário, que vai explicar essa proposta na segunda-feira, no Rio, em um evento promovido pela Fundação Getúlio Vargas, enfatizou que o Brasil é um país fechado: está entre as dez maiores economias do mundo, mas é o 25º maior exportador.

Ele disse que espera pressão de grupos específicos contra a abertura. E lembrou que a baixa taxa de crescimento da economia brasileira remonta da década de 1980, com

um modelo que privilegiou a produção nacional, em vez de buscar a integração ao fluxo de comércio internacional.

- E tem gente que acha que o Brasil está confortável nessa posição. Nós, do Ministério da Fazenda, não estamos confortáveis. Um modelo que privilegia a produção nacional em tudo, já está provado por todas as experiências internacionais e pesquisas acadêmicas, que não é bom para o país.

Ou seja, os países têm de se especializar nos produtos que eles têm vantagens comparativas. E participar dos fluxos dos comércios internacionais, das cadeias internacionais de valor, é uma das melhores maneiras de sair do que chamam de armadilha de renda média. É o que a experiência mostra.

Em uma comparação com os EUA, o secretário disse que, levando em conta o Produto Interno Bruto (PIB) pelo número de trabalhadores, o Brasil chegou a 40% do nível de produtividade americana, no início da década de 1980. Atualmente, o índice está em 25%.

- Ao importar produtos que você não tem uma vantagem comparativa para produzir, você aprende a tecnologia com que aqueles produtos foram feitos, o seu processo produtivo fica mais barato e ainda dá para exportar mais. E país que exporta muito é país que importa muito - observou.

Estevão também disse que a Argentina, que normalmente se posicionava contra a redução de tarifas para países que não fazem parte do Mercosul, está plenamente de acordo. Tanto é assim que autoridades argentinas participarão de seminário da FGV com essa mesma linha de raciocínio.

Embora não seja uma exigência formal, a abertura do mercado brasileiro aos importados é bem vista pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), organismo com o qual o Brasil vem se aproximando nessa nova fase de política comercial que vem sendo desenhada.

Outro ponto em destaque pelo secretário são as negociações comerciais que envolvem o Mercosul. Ele mencionou como prioridades União Europeia, Canadá e Aliança do Pacífico, entre outros exemplos.

- O Brasil tem poucos acordos comerciais.

Estevão afirmou que outro ponto de mudança, que já começa a ser sentida, é com a Camex. Agora, as decisões de defesa comercial não se restringem apenas à proteção da indústria. São levados em conta outros fatores, como a inflação, o abastecimento no mercado interno e, principalmente, o interesse público.

- Não é que a gente não leve a defesa comercial a sério. Só que nós estamos tendo a certeza de que um processo antidumping, por exemplo, não terá impacto grande na inflação, ou que não está sendo estabelecido simplesmente para proteger um setor, por exemplo. A defesa comercial existe para proteger setores contra práticas ilícitas de comércio internacional e não para proteger a indústria.

Financiamento automotivo no Brasil cresce 30% no 1º bimestre

06/04/2018 – Fonte: R7

O volume de financiamento concedido pelo sistema financeiro para compra de veículos no Brasil somou 18,1 bilhões de reais nos primeiros dois meses de 2018, alta de 30,2 por cento ante mesma etapa do ano passado, informou nesta quinta-feira a Associação Nacional das Empresas Financeiras das Montadoras (Anef).

Considerado fevereiro isoladamente, os empréstimos para o setor totalizaram 8,1 bilhões de reais, aumento de 26 por cento sobre um ano antes.

"A expectativa para este ano é de que o financiamento de veículos se mantenha em crescimento, lento, porém constante", afirmou em nota o presidente da Anef, Luiz Montenegro.

Do total de CNPJs do Brasil, 65% estão registrados no Simples, mostra pesquisa

06/04/2018 – Fonte: Tribuna PR

Do total de companhias do Brasil, 65,34% – ou 14,083 milhões de empresas – estavam registradas no Simples, segundo o levantamento Mapa das Empresas Brasileiras, publicado pela BigData Corp e obtido pelo Broadcast, serviço de notícias em tempo real do Grupo Estado. Seis meses antes, em outubro de 2017, eram 12,557 milhões de CNPJs registrados no Simples – uma participação de 59,95% sobre o total de empresas.

O Mapa das Empresas Brasileiras estimou, ainda, faturamento e número total de empregados das empresas do Simples cruzando dados oficiais com informações deixadas pelas empresas em sites abertos da internet e adotando modelos estatísticos.

Assim, o maior grupo do Simples, com 71,90% dos CNPJs, diz respeito às empresas de menor movimento – de até R\$ 250 mil anuais. Essa proporção cresceu nos últimos seis meses (2,89 pontos percentuais). Já, o intervalo das empresas que faturam de R\$ 250 mil a R\$ 500 mil compreendia 4,38% das empresas em março, versus 3,90% em outubro de 2017.

As empresas criadas entre outubro de 2017 e março de 2018 representam 2,63% da base total de companhias. Já as que têm entre seis e 12 meses, ou seja, que foram abertas no semestre imediatamente anterior, são 6,16% da base. A grande maioria, no entanto, concentra-se na faixa dos cinco a dez anos, ou 29,52%; e entre dois e três anos, 10,92%.

Quando se olha para as principais atividades das empresas do regime de Simples na Classificação Nacional das Atividades Econômicas (CNAE), o Comércio Varejista desponta como a categoria de maior adesão – 21,92%. É seguida por Alimentação, 5,98%, e Outras Atividades de Serviços Pessoais, 4,39%.

Geograficamente, São Paulo desponta como a cidade que mais possui registros de empresas no Simples (8,95%), seguida de Rio de Janeiro (4,25%) e Belo Horizonte (1,89%). Chama a atenção o fato de Campinas (com 0,79%) e Guarulhos (0,68%) estarem à frente de capitais como Belém (0,60%) e Natal (0,47%).

De acordo com a BigData Corp, 41,57% de todos os CNPJs do País – incluindo Simples e empresas enquadradas fora desse regime – são de empresas inativas. O número é mais alto do que em outubro de 2017, quando a participação das inativas estava em 39,76%.

"Essa variação indica que, embora a economia esteja reagindo positivamente, ainda nos encontramos em final de um ciclo recessivo. E especialmente ao final de ano, momento de revisão de metas e encontro de contas, é comum vermos empresas sendo encerradas, por não estarem dando o lucro almejado por seus acionistas", avalia o CEO BigData Corp, Thoran Rodrigues.

Os dados do início de outubro de 2017 e de março de 2018 para o Mapa das Empresas Brasileiros foram obtidos por meio de varreduras de big data em mais de 10 milhões de sites ativos da internet brasileira e cruzados com bases de dados oficiais. Os dados sobre faturamento e número de funcionários são estimativas da BigData Corp com

base em referências deixadas por empresas em sites abertos na internet, sobre as quais foram aplicados modelos estatísticos.

Marcos Jorge: "Mercosul está comprometido em atingir um acordo abrangente e equilibrado com a UE"

06/04/2018 – Fonte: MDIC



Ministro do MDIC reuniu-se hoje com o embaixador da União Europeia no Brasil, João Cravinho

O ministro Marcos Jorge de Lima reuniu-se hoje, no MDIC, em Brasília, com o Embaixador da União Europeia no Brasil, João Cravinho, para tratar de assuntos relacionados às negociações do Acordo de Livre Comércio (ALC) entre o Mercosul e a União Europeia (UE). Para o ministro da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), está na hora do Brasil e da União Europeia sinalizarem ao mundo que o melhor caminho é o da abertura comercial.

De acordo com o embaixador da UE no Brasil, a assinatura de acordo entre os dois parceiros comerciais nunca esteve tão próxima. Marcos Jorge afirmou que as negociações têm avançado bem e o Mercosul está perto de comemorar seu primeiro acordo em matéria de bens com a União Europeia, que pode se tornar o primeiro bloco de países desenvolvidos a ter livre acesso ao mercado do Mercosul. A última rodada de negociações Mercosul- União Europeia aconteceu na cidade de Assunção, no Paraguai, em fevereiro de 2018.

Marcos Jorge demonstrou satisfação pela evolução das negociações, que já apresentam muitos capítulos fechados e outros em vias de conclusão, e informou que a indústria brasileira vem apoiando o governo nas negociações. Destacou, ainda, que o Mercosul segue comprometido em fazer as negociações avançarem para um acordo abrangente e equilibrado.

Intercâmbio Comercial com a União Europeia

Até março de 2018, a corrente de comércio do Brasil com o bloco somou US\$ 19,57 bilhões. As exportações brasileiras aumentaram 37,63%, em relação ao mesmo período de 2017, alcançando US\$ 11,18 bilhões. As importações brasileiras também cresceram 10,45%, atingindo US\$ 8,38 bilhões. O saldo, no mês, registra superávit parcial de US\$ 2,80 bilhões.

Em 2016, as exportações dos países do Mercosul para a UE totalizaram US\$ 43,95 bilhões e as importações foram de US\$ 42,76 bilhões. Com esses resultados, a balança comercial com a UE registrou superávit de US\$ 1,18 bilhões em 2016. No acumulado do ano anterior (2015) houve déficit de US\$ 4,20 bilhões.

A pauta das exportações do Mercosul para o bloco europeu é formada por 52,1% de produtos básicos, 32,9% de manufaturados e 14,7% de semimanufaturados. E as importações a pauta é constituída de 95,4% de manufaturados, 2,7% de semimanufaturados e 1,9% de produtos básicos.

Acordo entre Mercosul e UE deve ser fechado ainda neste semestre, diz secretário de Comércio Exterior

06/04/2018 – Fonte: R7

Um acordo comercial entre Mercosul e União Europeia nunca esteve tão perto de ser firmado, disse nessa quinta-feira o secretário de Comércio Exterior brasileiro, Abrão Arabe Neto, que espera um acerto entre os blocos ainda nesse semestre.

Representantes dos dois blocos vão se encontrar entre este e próximo mês para tentar avançar na solução de alguns entraves que ainda permanece, disse o secretário.

Os países do Mercosul querem avançar em pontos ligados a produtos agrícolas e o bloco europeu em temas relacionados ao setor industrial.

"A negociação avançou muito e se encontra em um estágio decisivo", disse ele a jornalistas em evento da Associação do Comércio Exterior do Brasil (AEB).

"Hoje há vontade política clara em ambos os lados para concluir o acordo e convergência grande em se avançar. Com vontade política e trabalho técnico maduro temos condições ideais", acrescentou.

Empresa anuncia fim de operação em Taubaté e mais de 300 serão demitidos

06/04/2018 – Fonte: G1

Trabalhadores da Idemia, empresa de atividades gráficas, foram informados sobre a decisão nesta quinta-feira (5). Unidade tem cerca de 426 funcionários e cerca de 100 poderão ser transferidos. Os demais serão desligados.

A empresa gráfica de tecnologia Idemia anunciou nesta quinta-feira (5) que vai encerrar a produção na unidade de Taubaté, onde emprega 426 funcionários, até o fim do ano. Os empregados terão preferência em um processo seletivo com 100 vagas para transferência para a unidade de Cotia (SP). Os demais devem ser desligados gradualmente até o fim da operação.

Segundo o Sindicato das Indústrias Gráficas, a decisão foi comunicada nesta quinta-feira aos trabalhadores. A categoria considera que as demissões são irreversíveis e diz estar tentando conseguir benefícios para os funcionários.

Instalada em Taubaté há cerca de 20 anos, a Idemia atua com atividades gráficas de tecnologia produzindo chips e cartões magnéticos.

Por meio de nota, a Idemia informou que as atividades da unidade de Taubaté, que têm previsão de funcionar até o final de 2018, serão transferidas para Cotia como parte de uma estratégia para se tornar mais competitiva no mercado.

Sobre a situação dos trabalhadores, a empresa disse que pretende iniciar uma negociação com o sindicato e que os funcionários receberão os benefícios devidos à rescisão, previstos na lei.

A Idemia informou que está focada na criação de 100 posições na fábrica de Cotia e que será dada preferência aos funcionários de Taubaté que quiserem continuar na empresa.

Novo plano de demissões da Caixa tem menos da metade da adesão esperada

06/04/2018 – Fonte: G1

O último Programa de Desligamento de Empregado (PDE) da Caixa Econômica recebeu 1.296 adesões de empregados este ano, informou o banco. O número equivale a 43,7% da adesão prevista. O prazo para aderir à proposta terminou no dia 5 de março.

O limite de desligamentos para este ano estava fixado em 2.964 funcionários. Segundo a Caixa, os desligamentos deverão gerar uma economia anual de R\$ 256 milhões para o banco.

As duas últimas edições dos planos de desligamento voluntários, realizados em 2017, tiveram a adesão de 7.036 empregados, informou o banco. A intenção era desligar 10 mil funcionários. A economia das três edições deve ultrapassar R\$ 1,68 bilhão por ano.

A opção pela adesão ficou a critério do empregado e a prerrogativa de aceitar a proposta de desligamento é da Caixa.

Segundo a Caixa, puderam aderir ao PDV empregados que atendessem a uma das exigências abaixo:

- aposentados pelo INSS até a data do desligamento, com exceção de aposentados por invalidez;
- que estejam aptos a se aposentarem pelo INSS até 31 de dezembro deste ano;
- com no mínimo 15 anos de trabalho na Caixa até a data do desligamento;
- com adicional de incorporação de função de confiança ou cargo em comissão/função gratificada até a data de desligamento.

Remuneração

O PDV anunciado este ano prevê a indenização em parcela única equivalente a 9,8 remunerações do empregado, limitada a R\$ 490 mil, considerando como referência o pagamento recebido em 31 de janeiro.

O pagamento será em parcela única junto com as verbas rescisórias e será feito em até 10 dias após a data de desligamento.

Segundo a Caixa, os empregados que têm o plano de saúde Saúde Caixa que se aposentarem até 31 de dezembro e aderirem ao programa de demissão voluntária, terão a manutenção do plano.

Os demais casos terão a manutenção do plano por 24 meses sem a possibilidade de prorrogação.

Comissão do Senado aprova licença-maternidade de 180 dias

06/04/2018 – Fonte: Folha de S. Paulo

Texto ainda precisa de aprovação na Câmara e sanção presidencial para entrar em vigor

A Comissão de Assuntos Sociais do Senado aprovou nesta quarta-feira (4) o Projeto de Lei do Senado (PLS) 72/2017, que amplia o prazo da licença-maternidade de 120 para 180 dias.

Como foi aprovado em caráter terminativo, caso não haja recurso para que a proposta seja analisada pelo plenário do Senado, o texto seguirá direto para a Câmara dos Deputados.

O texto, de autoria da senadora Rose de Freitas (MDB), também permite ao pai acompanhar a mãe do bebê em consultas e exames durante a gravidez.

"É uma medida que estimula a paternidade responsável, inserindo o genitor, desde os primeiros momentos, na rotina de cuidados com o seu filho que irá nascer", disse o relator da proposta, Paulo Paim (PT).

Sobre a extensão da licença maternidade, o relator indicou dados da Sociedade Brasileira de Pediatria, mostrando que bebês que ficam seis meses ao lado da mãe têm reduzidas as chances de contrair pneumonia, desenvolver anemia ou sofrer com crises de diarreia.

NOVIDADES

Outra proposta mais abrangente sobre o assunto está em análise na comissão, mas apesar de lida e discutida, ainda não pode ser votada por falta de quórum.

De autoria da senadora Rose Freitas, o PLS 151/2017 modifica a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) para ampliar a licença-maternidade para 180 dias, permitindo o compartilhamento de 60 dias, mesmo nos casos de licença-adoção.

A proposta ainda prevê a concessão de licença-maternidade em dobro, no caso de filho com deficiência ou com necessidade especial, com previsão de compartilhamento por até a metade do prazo, com o cônjuge ou companheiro, de forma alternada.

O senador Jorge Viana (PT), relator da proposta, apresentou um substitutivo ao projeto, favorável ao compartilhamento dos cuidados da criança nos primeiros meses de vida.

Para o senador, cabe aos pais, em conjunto, decidir quem está mais apto, nos primeiros meses de vida do bebê, a ficar afastado de seu posto de trabalho, a fim de ministrar os cuidados necessários ao bem-estar da criança, e quem, no mesmo período, está em melhores condições de permanecer trabalhando.

Crise na BRF ameaça 400 produtores paranaenses; 2 mil empregos em jogo

06/04/2018 – Fonte: Gazeta do Povo

Prefeitura de Carambeí, associação de avicultores e sindicato de trabalhadores da BRF temem que férias coletivas possam desencadear uma 'bola de neve' em problemas na região

Produção da BRF em Carambeí: paralisação por férias coletivas pode ameaçar remuneração de produtores. Prefeitura e sindicato estão preocupados com empregos diretos e indiretos gerados pela empresa no município



Após o anúncio de que os trabalhadores do frigorífico da BRF de Carambeí irão receber férias coletivas de 30 dias a partir do dia 21 de maio, a cidade dos Campos Gerais vive um novo clima de luto, sob o risco de um efeito cascata.

“Ontem (4) nos enviaram um comunicado sobre a paralisação. O que nos falaram tem lógica, que é reorganizar o estoque, já que estão com a limitação do mercado europeu”, afirma o prefeito de Carambeí, Osmar Blum, referindo-se à paralisação do envio de carne de frango da BRF à União Europeia.

“Mas ficamos preocupados porque são mais de mil funcionários. Se acontecer algo diferente, além das famílias, nosso comércio e os produtores ficam prejudicados, assim como o município. Torcemos para que tudo volte ao normal”, completa.

Sem pintinhos enviados para a engorda, os produtores de aves da região correm o risco de ficar até cem dias sem remuneração, estima o presidente da Associação dos Avicultores Campos Gerais, Carlos Sérgio Bonfim. Ele considera o fato de que a recepção de novos frangos será escalonada, tendo ainda o período da engorda, envio para abate e pagamento.

Produtores esperam acordo

Bonfim conta que, após ser chamado para uma reunião na BRF, propôs que a empresa pague aos produtores R\$ 264 diariamente por alguns tipos de aviários mais modernos, enquanto eles estiverem parados, e R\$ 88 por uma modalidade de barracão mais antigo.

“Isso já está ocorrendo [na unidade] de Capinzal (SC), onde também foram determinadas férias coletivas. Mas até o momento não temos uma definição sobre esses dias parados”, confirma o presidente da Associação. Ele diz que a BRF prometeu na tarde desta quinta-feira (5) fornecer alguma remuneração, mas não definiu valores.

Os animais atualmente alojados nas granjas dos avicultores continuarão a ser enviados ao frigorífico após o período de engorda, segundo o representante dos avicultores.

“Foi feita uma programação e os barracões com animais terão os abates normais. Mas o alojamento vai parar e alguns produtores podem ficar até 50 dias sem receber [os animais], pois não se aloja tudo em um dia”, explica.

A situação preocupa especialmente produtores com dívidas.

“Com a BRF eles até podem negociar, mas com o banco não”, afirma Bonfim. Ele conta que a região dos Campos Gerais tem aproximadamente 400 produtores integrados à BRF. O total de aviários é estimado entre 700 e 800. “A situação é um susto, temos custos fixos”, destaca. Alguns produtores, além de energia, precisam desembolsar o pagamento de funcionários das granjas.

Funcionários da BRF em Carambeí sofrem com incerteza

O Sintac (Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação de Carambeí e Região), que representa os funcionários da BRF em Carambeí, foi comunicado sobre a decisão em uma reunião com a área de Recursos Humanos da empresa também na quarta-feira pela manhã.

“Tivemos um diálogo sucinto e rápido, principalmente sobre o fechamento do mercado europeu. O foco em Carambeí é o mercado halal (destinado ao consumidor muçulmano), mas temos conhecimento do impacto no mercado externo. O que sabemos por colegas que trabalham na produção é que já foi feita a programação de redução de 50% a 60% da produção nos próximos dias”, conta o secretário geral do Sintac, Wagner do Nascimento Rodrigues

O representante do sindicato diz estar preocupado com a possibilidade de que, se nada mudar nos próximos 40 dias, aconteçam cortes na empresa. “Até meados de junho os empregos serão mantidos, mas a volta [das férias coletivas] traz uma incerteza”, frisa.

Ele diz que são aproximadamente 1,3 mil empregados na planta. “Mas indiretamente isso pode chegar a mais de 2 mil, com funcionários de transporte, aviários”, completa. Um outdoor externo da empresa destaca que são 1,7 mil colaboradores ativos.

O sindicalista, que também é secretário adjunto da Federação dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação do Estado do Paraná (FTIA-PR), considera que a atual crise na empresa não foi ocasionada pela nova fase da Operação Carne Fraca:

“Não é uma questão sanitária, já que a BRF é exemplo e melhor do que a produção na Europa e nos Estados Unidos, onde, posso dizer, a fiscalização é bem mais frouxa. É a administração mal feita do Abílio Diniz e do grupo de executivos que assumiu a empresa e que tem uma política de enfrentamento com as entidades sindicais. É uma crise administrativa”.

Outro lado

Procurada pela reportagem, a assessoria de imprensa da BRF afirmou que limitaria a comunicação à nota enviada à imprensa na última quarta-feira, na qual afirma que “concederá férias coletivas de 30 dias aos funcionários da linha de abate de aves da planta de Rio Verde (GO) e a todos os funcionários da linha de produção de Carambeí (PR), a partir de 14 e 21 de maio, respectivamente”.

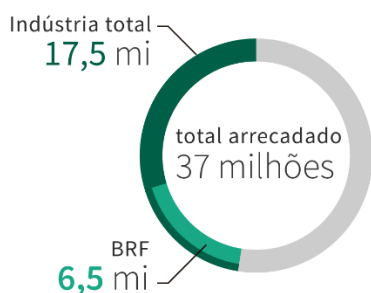
O comunicado destaca ainda que a decisão considera a necessidade de adaptações no planejamento de produção e é temporária devido à determinação do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) que interrompeu, desde 16 de março, a produção e certificação sanitária dos produtos de aves da BRF exportados para União Europeia.

A BRF informa também que “revisou o seu plano de produção e determinou, até o momento, ajustes nas seguintes unidades produtivas: Mineiros (GO), Capinzal (SC), Rio Verde (GO) e Carambeí (PR)”.

ICMS arrecadado

As quatro maiores empresas de Carambeí (BRF, JBS, Lactalis e Frísia) representam aproximadamente 90% do total pago pela indústria em ICMS destinado ao município. A BRF é a maior contribuinte.

Arrecadação de ICMS em 2017, em R\$



Custo da cesta básica tem redução em 12 capitais, segundo o Dieese

06/04/2018 – Fonte: Agência Brasil

O custo da cesta básica diminuiu em 12 capitais no mês de março, segundo os dados da Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos, realizada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese).

As capitais com principais quedas foram Salvador (-4,07%), Recife (-3,82%) e Belém (-3,24%). As maiores taxas positivas foram registradas nas cidades de Campo Grande (2,60%) e Curitiba (2,22%).

As capitais com a cestas mais caras foram Rio de Janeiro (R\$ 441,19), São Paulo (R\$ 437,84), Porto Alegre (R\$ 434,70) e Florianópolis (R\$ 426,79). Os menores valores médios foram encontrados em Salvador (R\$ 322,88) e Aracaju (R\$ 339,77).



Entre março de 2017 e o mesmo mês de 2018, os preços médios da cesta caíram em 16 cidades, com destaque para Salvador (-7,66%), Goiânia (-7,18%) e Belém (-6,89%). As altas foram registradas em quatro capitais. As mais expressivas ocorreram em Curitiba (3,11%) e Rio de Janeiro (2,29%).

Inadimplência do consumidor cai 5,2% no acumulado em 12 meses

06/04/2018 – Fonte: GS Notícias

A inadimplência do consumidor caiu 5,2% no acumulado 12 meses (abril de 2016 até março de 2018 frente aos 12 meses antecedentes), de acordo com dados nacionais da Boa Vista SCPC. Já na avaliação mensal com ajuste sazonal, março apresentou aumento de 6,2%. Quando comparado o resultado contra o mesmo mês de 2017, o indicador caiu 6,3%.

Regionalmente, na análise acumulada em 12 meses, ocorreu queda nas regiões Nordeste (-7,4%), Norte (-7,2%), Centro-Oeste (-7,3%), Sudeste (-5,0%) e Sul (-1,1%).

As adversidades ocorridas na economia ao longo dos últimos anos geraram grande cautela nas famílias, inibindo o consumo e a tomada de crédito, contribuindo para a diminuição do fluxo de inadimplência.

Com a perspectiva de crescimento da economia e renda, juros menores e inflação controlada, espera-se uma retomada sustentável da demanda de crédito, expandindo-se a renda disponível das famílias, fatores que deverão colaborar para a manutenção de um ritmo estável do estoque de inadimplência em 2018.

Moody's faz relatório positivo sobre corte no compulsório de bancos brasileiros

06/04/2018 – Fonte: Agência Brasil

A agência de classificação de risco Moody's divulgou, nesta quinta-feira (5), relatório em que avalia como positiva para a economia brasileira a redução dos depósitos compulsórios do setor bancário, aprovada há uma semana pelo Banco Central (BC).

"A redução nos compulsórios é crédito positiva para os maiores bancos do Brasil, porque reduzirá os custos de financiamento ao liberar para o sistema financeiro R\$ 25,7 bilhões (US\$ 7,8 bilhões) de recursos depositados no Banco Central", afirma a Moody's.

Conforme determinou o Banco Central, a parcela do compulsório dos depósitos à vista que as instituições financeiras são obrigadas a recolher à autoridade monetária foi reduzida de 40% para 25%. Já a parcela dos depósitos na poupança rural que deve ser repassada ao BC caiu de 21% para 20%.

Para os demais tipos de poupança, a alíquota passou de 24,5% para 20%.

Além disso, o Banco Central aumentou para R\$ 200 milhões (US\$ 60,7 milhões) o valor que cada banco pode deduzir da base do depósito à vista para o cálculo das reservas obrigatórias. Antes, esse valor era R\$ 70 milhões (US\$ 21,2 milhões).

De acordo com a Moody's, a ação do Banco Central visa a estimular o crescimento dos empréstimos, no momento em que os consumidores e as empresas começam a mostrar um apetite maior por crédito.

"No entanto, um aumento no crédito dependerá estratégias de risco de crédito dos bancos, que se concentraram em empréstimos garantidos ao consumidor, crédito consignado, hipotecas, financiamento de veículos e empréstimos de curto prazo e garantidos e empresas de médio porte", diz a agência.

Prazo da taxa fixa para capital de giro do BNDES será de 3 a 5 anos

06/04/2018 – Fonte: Tribuna PR

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) anunciou nesta quinta-feira, 5, que vai oferecer financiamentos com taxa fixa para o programa BNDES Giro, a partir de 24 de abril.

A taxa fixa surge como alternativa adicional à Taxa de Longo Prazo (TLP), referência para os empréstimos do banco, e valerá para micro, pequenas e médias empresas, com faturamento de até R\$ 300 milhões por ano.

O banco informou, em nota, que o novo financiamento visa atender empresas que não querem ficar expostas a um passivo ligado à inflação. A TLP tem uma parcela pré-fixada e outra variável, vinculada à inflação (IPCA).

O prazo do financiamento será de 3 a 5 anos e o custo de 9,5% ao ano mais o spread (remuneração) do agente financeiro. A estimativa de custo equivale à variação do DI atualmente mais 0,5% ao ano. A taxa será revisada mensalmente para novas operações.

Uma vez contratado, o valor da taxa permanece o mesmo durante a vigência do contrato, dando previsibilidade sobre o custo da operação, e permitindo às empresas de menor porte mais controle e planejamento sobre os empréstimos. A precificação da taxa fixa será divulgada diariamente pelos bancos repassadores, informou o BNDES.

Segundo o banco, a expectativa é de que, até o fim de maio, também se abra a possibilidade de as empresas contratarem empréstimos com taxa fixa na linha BNDES Finame, que financia bens de capital.

Poupança tem captação líquida de R\$ 3,978 bi em março

06/04/2018 – Fonte: Tribuna PR

A caderneta de poupança fechou o mês de março com captação líquida de R\$ 3,978 bilhões. O valor reflete o montante de recursos que os poupadores depositaram na caderneta, já descontados os saques no período. Este foi o primeiro mês de captação líquida na poupança após dois meses de saques.

O resultado para a poupança foi o melhor para meses de março desde 2013, quando houve depósitos líquidos de R\$ 5,960 bilhões. Em março do ano passado, houve saídas líquidas de R\$ 4,996 bilhões e, em fevereiro de 2018, saques líquidos de R\$ 708,1 milhões.

Em 2015 e 2016, a crise econômica havia acirrado os saques na poupança, com as famílias mais retirando do que colocando recursos na caderneta para fazer frente às despesas. Em 2017, porém, a poupança registrou depósitos líquidos de R\$ 17,126 bilhões, em meio ao início da recuperação econômica.

Nos dois primeiros meses de 2018, porém, houve mais saídas que entradas de recursos. O período geralmente é marcado por saques, pelas famílias, para o pagamento de despesas como o IPTU e as matrículas escolares. Agora, em março, a poupança voltou a ter captação líquida.

De acordo com o BC, o total de aplicações na poupança em março foi de R\$ 180,580 bilhões, enquanto os saques somaram R\$ 176,602 bilhões. O estoque total do investimento na poupança está em R\$ 731,408 bilhões, já considerando os rendimentos de R\$ 2,884 bilhões de março.

No acumulado de 2018 até março, a poupança registra saques líquidos de R\$ 1,932 bilhão, resultado de aportes de R\$ 525,797 bilhões e retiradas de R\$ 527,798 bilhões.

A remuneração da poupança é formada por uma taxa fixa de 0,5% ao mês mais a Taxa Referencial (TR) – esse cálculo vale para quando a Selic (a taxa básica de juros) está acima de 8,5% ao ano. Como a Selic está atualmente em 6,50% ao ano, a remuneração da caderneta é formada pela TR mais 70% da Selic.

Corte de compulsório para poupança e depósito à vista é positivo, diz Moody's

06/04/2018 – Fonte: Tribuna PR

O corte nas alíquotas de compulsório de poupança e depósitos à vista “é um crédito positivo para os maiores bancos do Brasil, porque reduzirá os custos de financiamento, liberando R\$ 25,7 bilhões no sistema financeiro”, segundo análise da agência de classificação de risco Moody's.

Na quinta-feira da semana passada, o Banco Central reduziu a alíquota de compulsório de 40% para 25% no caso de depósitos à vista e de 24,5% para 20% para depósitos de poupança.

A exigência de reserva para depósito à vista será a menor desde 2008. Além disso, o BACEN aumentou para de R\$ 70 milhões para R\$ 200 milhões o valor que cada banco pode deduzir da base do depósito à vista para o cálculo de reservas obrigatórias.

A Moody's informou que os bancos mais afetados por esta medida são Itaú Unibanco, Bradesco, Banco do Brasil, Santander e Caixa Econômica Federal, que juntos tinham 93% dos depósitos à vista e poupança do setor em dezembro de 2017.

“As instituições financeiras de pequeno e médio porte serão menos afetadas porque recebem apenas uma modesta parcela de seu financiamento poupança e depósitos à vista”, pontuou a agência. Segundo a Moody's, embora os bancos tenham atualmente um excesso significativo de liquidez, “as reservas têm um alto custo de oportunidade”.

“Esses recursos estão ociosos no BC sem juros (como é o caso do compulsório sobre depósitos à vista) ou com a mesma baixa taxa de 6,5% que os bancos pagam pelos depósitos de poupança (o que equivale a aproximadamente 80% da taxa básica, a Selic)”, pontuou a agência.

“Agora, os bancos poderão usar esse dinheiro para financiar empréstimos e investimentos em valores mobiliários. E a menor exigência de reservas reduzirá a necessidade de outras fontes de recursos mais caras, à medida que a demanda por crédito começar a se recuperar”, continuou.

Ainda de acordo com a Moody's, esse movimento visa a estimular o crescimento dos empréstimos, na medida em que os consumidores e as empresas estão começando a mostrar um maior apetite por crédito. "No entanto, um aumento no crédito dependerá das estratégias de risco de crédito dos bancos", escreveu a agência em sua análise.

Consumo e geração de energia crescem 2% em março, mostra CCEE

06/04/2018 – Fonte: Tribuna PR

O consumo e a geração de energia elétrica no País cresceram 2% no mês de março, na comparação com o mesmo período de 2017, segundo dados preliminares de medição coletados entre os dias 1º e 31 do mês passado, informou a Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE).

Em março foram consumidos 64.949 MW médios no Sistema Interligado Nacional (SIN), acima dos 63.699 médios do ano passado. Segundo a CCEE, o aumento foi influenciado pelas maiores temperaturas registradas neste ano.

No Ambiente de Contratação Regulado (ACR), no qual os consumidores são atendidos pelas distribuidoras, o consumo subiu 1,2%, considerando a migração de consumidores para o mercado livre. Sem esse efeito, o aumento alcançaria 3% no período.

No Ambiente de Contratação Livre (ACL), no qual as empresas compram energia diretamente dos fornecedores, o consumo apresentou elevação de 3,8%, levando em conta o impacto das novas cargas oriundas do ACR. Desconsiderando esse movimento, o consumo apresentou queda de 0,5%.

Dentre os ramos da indústria avaliados pela CCEE, incluindo dados de autoprodutores, varejistas, consumidores livres e especiais, destaque para o crescimento registrado nos segmentos de metalurgia e produtos de metal (+5,9%) e manufaturados diversos (+0,9%), mesmo sem o impacto da migração na análise. Na outra ponta, as maiores retrações foram anotadas nos segmentos de saneamento (-10,2%), bebidas (-4,8%) e transportes (-4,6%).

A geração de energia, por sua vez, alcançou 68.314 MW médios em março, ante os 66.960 MW médios de igual etapa do ano passado. A produção das usinas hidráulicas, incluindo as Pequenas Centrais Hidrelétricas, cresceu 3,5%, enquanto a geração eólicas avançou 9,3%. Já as usinas térmicas recuaram 10,1% no período.

Exportação de veículos em valores sobe 18,4% em março, revela Anfavea

06/04/2018 – Fonte: Tribuna PR

As exportações em valores de veículos e máquinas agrícolas somaram US\$ 1,575 bilhão em março, aumento de 18,4% na comparação com março do ano passado e de 6,5% ante fevereiro.

No acumulado do ano, o setor tem avanço de 22,3% ante igual período de 2017, para US\$ 4,088 bilhões. Os dados foram divulgados nesta quinta-feira, 5, pela Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea).

Em número de unidades, no entanto, as exportações apresentam queda de 2,6% em relação a março do ano passado, para 67,4 mil. Na comparação com fevereiro, o setor registrou alta leve de 1,8%. No acumulado do ano, houve avanço de 3,3% em relação a igual período de 2017, para 180,2 mil unidades.

Média diária de vendas chegou a 10 mil unidades no início de abril, diz Anfavea

06/04/2018 – Fonte: Tribuna PR

O presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Antonio Megale, afirmou nesta quinta-feira, 5, que a média diária das vendas no mercado interno chegou ao início de abril à casa das 10 mil unidades. Em março, foram 9,8 mil unidades vendidas por dia.

Durante a crise, o setor só chegou a esse ritmo nos meses de novembro e dezembro, período em que historicamente a economia se aquece. Antes disso, só em 2013, quando a média diária chegava a 14 mil ou 15 mil unidades.

Megale acredita que as vendas podem chegar à casa das 11 mil unidades vendidas por dia no fim deste ano, quando as condições macroeconômicas estarão ainda mais favoráveis, com juros e desemprego mais baixos.

O executivo também informou que a redução da Selic tem gradualmente chegado ao consumidor final. “Começamos a ver isso através de planos de financiamento diferenciados”, disse. Segundo ele, a proporção de financiamentos no total do mercado tem sido de 53% a 54%. “Os bancos estão mostrando mais vontade para oferta de crédito.”

O presidente da Anfavea afirmou ainda que a produção de veículos no primeiro trimestre, que chegou a 699,6 mil unidades, está próxima da média dos últimos dez anos para o período, de 708 mil unidades.

Fabricantes de equipamentos de infraestrutura veem avanço em 2018

06/04/2018 – Fonte: CIMM

Expectativa de demanda firme por carnes e melhores condições de financiamento de bens duráveis no setor devem estimular pecuaristas a renovar troncos e balanças nas fazendas

O cenário de demanda firme por carne vermelha, perspectiva de aquecimento da economia e queda das taxas de juros no próximo Plano Safra deve favorecer as empresas que vendem itens de infraestrutura para fazendas de pecuária de corte, que apostam em um ano positivo para o segmento.

Depois de dois anos em que as vendas ficaram estagnadas, empresas do segmento apostam em uma retomada e voltam a investir.

A Açôres Balanças e Troncos, de Cambé (PR), espera crescer 30% em 2018 em relação ao ano passado, quando as vendas repetiram os resultados de 2016. “Os produtores estão voltando a investir em infraestrutura.

Os meses de janeiro, fevereiro e março foram excelentes e superaram as expectativas”, afirmou ao DCI o diretor da empresa, Gabriel Haully.

Ele acredita que, diante da perspectiva de aquecimento da economia e dos juros baixos oferecidos pelos bancos em linhas de crédito, os produtores estão mais estimulados a renovar troncos e balanças.

“O pecuarista estava deixando a substituição dos itens do curral para mais adiante. Mas com as facilidades para aquisição de equipamentos nas exposições e os juros em baixa, esperamos que os produtores invistam”, projetou o executivo.

Os juros médios para a aquisição desse tipo de equipamento estão na casa dos 7,5% ao ano, disse Haully, que aposta em condições especiais por parte dos bancos em feiras e exposições para ampliar os negócios neste ano.

“E a perspectiva é de que o próximo Plano Safra traga juros ainda menores”, afirmou o diretor.

A presidente executiva da Beckhauser, Mariana Beckhauser, projeta um avanço de 15% no faturamento para este ano. Em 2017, a empresa faturou R\$ 20 milhões. No entanto, ela vê o crescimento do mercado com cautela.

“Temos um maior movimento nos pedidos de orçamentos, embora a retomada de vendas ainda não tenha acontecido. Ainda assim, a perspectiva é melhor para este ano do que nos últimos dois”, afirmou Mariana, que assumiu o cargo recentemente no lugar do pai, José Carlos Beckhauser, que passou a presidir o conselho da empresa.

Segundo ela, as incertezas políticas ainda podem fazer com que os pecuaristas adiem investimentos em bens duráveis, como fizeram nos últimos dois anos.

Em 2017, as vendas do segmento sentiram o impacto da Operação Carne Fraca, que colocou em xeque a credibilidade do Brasil como exportador e abalou o mercado.

“O atual momento do País afeta o setor, mas acreditamos que a demanda vai aumentar”, disse. A projeção também está amparada na perspectiva que mais pecuaristas optem por projetos sustentáveis, o que pode exigir ajustes no escopo das instalações, por exemplo.

Esses tipos de produtos – troncos de contenção e balanças – têm uma vida útil média de 10 anos, conforme Mariana, dependendo do manejo que o produtor segue e da frequência com que são utilizados nas propriedades.

“Isso também depende do produtor saber dimensionar os equipamentos de acordo com o rebanho e o manejo que utiliza”, observa.

Segundo ela, ainda que a tecnologia empregada nesse tipo de produto venha aumentando de forma significativa, muitos produtores seguem utilizando as mesmas estruturas, que permitem atividades como pesagem e vacinação de animais por mais de 20 anos.

Investimentos

Diante da perspectiva de crescimento do mercado local, as duas empresas farão investimentos neste ano.

A Beckhauser investiu R\$ 5 milhões em uma nova unidade, na região metropolitana de Maringá, no Paraná. A planta deverá entrar em funcionamento no segundo semestre de 2019 e substituirá a unidade em funcionamento em Paranavaí, também no estado.

O aporte leva em conta essa perspectiva de incremento nas vendas, bem como a intenção de ampliar a participação das exportações na receita da empresa, que hoje representam 5% da receita. “Já exportamos para o Paraguai e estamos negociando o início das vendas para a Bolívia e outros países”, disse Mariana.

A empresa, que tem atuação focada no Centro-Oeste do País, também pretende expandir sua presença no Brasil para os estados do Rio Grande do Sul e de Rondônia, além de fortalecer as vendas em outros estados do Norte.

Já a Açôres pretende ampliar o número de pontos de venda neste ano. A fabricante quer chegar ao Rio Grande do Sul e ao Pará, e já atua no Rio de Janeiro, Mato Grosso, Goiás e Mato Grosso do Sul.

“Também investimos na modernização da nossa fábrica em Cambé para aprimorar a qualidade dos produtos”, acrescentou Haully.

Volkswagen investe R\$ 2 bilhões em fábrica paranaense para produzir carro inédito no país

06/04/2018 – Fonte: CIMM

O T-Cross, primeiro SUV da Volkswagen produzido no Brasil, será feito na fábrica de São José dos Pinhais; produção começa no primeiro semestre de 2019

Em cerimônia realizada na manhã desta terça (3) em sua fábrica em São José dos Pinhais, região metropolitana de Curitiba, a Volkswagen anunciou um investimento de R\$ 2 bilhões para modernização da planta e a confirmação do T-Cross, o primeiro SUV da marca produzido no país. O aporte é parte de um total de R\$ 7 bilhões que a empresa se comprometeu, anteriormente, a investir no Brasil até 2020.

O T-Cross é o primeiro de uma série de novos SUV da marca que devem chegar ao Brasil. Ele começa a ser produzido no primeiro semestre de 2019. Segundo o CEO da Volkswagen do Brasil, Pablo Di Si, outros quatro veículos da categoria estarão no portfólio da montadora até 2020.

As especificações mecânicas, como potência do motor, serão anunciadas em breve, segundo o CEO. “SUV é um dos segmentos que mais crescem no Brasil e nossa participação neste mercado nacional era zero. Agora, queremos mudar isso rapidamente”, afirma Di Si.

Ao todo, somando os SUVs, a Volkswagen fará 20 novos lançamentos até 2020, sendo 13 deles produzidos no Brasil, dois na Argentina e cinco importados da Alemanha ou do México, no que a montadora considera a maior ofensiva de produtos de sua história no Brasil.

Três já foram lançados: o Novo Polo e o Virtus, produzido na fábrica de Anchieta (São José dos Campos), e a Amarok V6, trazida da Argentina. A montadora também vai importar do México, a partir deste mês de abril, o Novo Tiguan, o primeiro dos cinco modelos de SUVs a chegar ao Brasil. Para 2020, também deve ser trazido o SUV Tarek, importado da Argentina.

Investimentos para a fábrica

Dos R\$ 2 bilhões anunciados para o T-Cross, R\$ 600 milhões vão para desenvolver, testar e validar o produto. O restante, R\$ 1,4 bilhão, será destinado para a ampliação e modernização da fábrica.

Nos planos estão a compra de novas ferramentas para diferentes setores, como a de 239 robôs com tecnologia de ponta para a Armação, onde as peças são unidas formando as carrocerias, e outras 159 novas ferramentas para a Estamparia, responsável pela moldagem das peças.

A Montagem Final, etapa em que o carro recebe todos os componentes mecânicos e elétricos, passará por mudanças para atender a “Estratégia Modular MQB” no Fahrwerk, onde se unem a parte motriz (motor, transmissão e suspensão) do veículo com a carroceria.

A Estratégia MQB estabelece um padrão de produção para as fábricas do Grupo VW e já é aplicada em modelos globais como o Golf e o Passat. O modelo prevê, por exemplo, uma mesma sequência de montagem, diminuindo o tempo e aumentando a flexibilidade da produção.

“Esse modelo de produção também oferece designs inovadores e customizados para os clientes da região”, completa Di Si.

Para Di Si, o momento representa a superação da crise do setor automobilístico, com a volta da confiança do consumidor e sinais de recuperação da economia brasileira. Só no primeiro trimestre de 2018, as vendas totais de automóveis e comerciais leves cresceram 14,7% em comparação ao mesmo período de 2017.

A Volkswagen registrou resultados acima da média, com aumento de 31,7% no período. “Crescemos mais que o dobro do mercado e passamos para a segunda posição em participação de mercado, com cerca de 15%”, detalha o CEO.

Em termos de emprego, a montadora anunciou que deve diminuir gradualmente a utilização das ferramentas de flexibilização na produção, como o lay-off, PSE e férias coletivas. Atualmente, 321 funcionários estão em lay-off — quando há redução da jornada de trabalho devido a dificuldades da empresa — e, segundo o CEO, devem ser reabsorvidos até o final do ano. “A ideia é retornarmos a produção em um turno completo a partir de janeiro de 2019”, anuncia Di Si.

Inaugurada em 1999, a fábrica de São José dos Pinhás conta hoje com cerca de 2.600 funcionários e produz os modelos Fox, Golf, Audi A3 Sedan e Audi Q3. A empresa também possui fábricas em Anchieta, Taubaté e São Carlos, no estado de São Paulo.

Em 2017, a Volkswagen registrou crescimento de 19,1% nas vendas e 52,1% nas exportações, resultados acima da média do setor automotivo, que cresceu 9,4% e 48,2% em vendas exportações, respectivamente. No Brasil há 65 anos, a montadora alemã já produziu 23 milhões de veículos, tendo exportado 3,6 milhões.

Borracha inteligente endurece quando torcida

06/04/2018 – Fonte: CIMM

Um novo material inteligente e responsivo é macio o suficiente para ser moldado, podendo a seguir ser comandado para endurecer e ficar rijo.

Assim como você pode endurecer seus músculos por meio de um treinamento, se o material, que originalmente tem a textura de uma borracha, for submetido a um estresse mecânico, como uma torção, ele aumenta sua rigidez em até 300 por cento.



Amostra do composto (da esquerda para a direita): uma fita flexível; uma fita similar já endurecida; e uma fita endurecida suportando um peso 50 vezes maior que o seu sem se deformar. [Imagem: Iowa State]

Nos testes de demonstração, uma tira flexível do material transformou-se em uma barra rígida capaz de suportar 50 vezes seu próprio peso.

Este compósito tem a vantagem de não precisar de fontes de energia externas - como calor, luz ou eletricidade - para alterar suas propriedades - basta "massageá-lo".

E ele pode ser usado de várias maneiras, incluindo aplicações em medicina e indústria, garantem Boyce Chang e seus colegas da Universidade do Estado de Iowa, criadores do novo material - a mesma equipe já havia usado uma técnica semelhante para criar uma solda que une metais sem usar calor.

Borracha com metal líquido

O material composto é fabricado combinando micropartículas de metal líquido com materiais macios selecionados de acordo com a aplicação que se tem em mente, como borrachas, plásticos ou géis.

As micropartículas são criadas expondo gotículas do metal fundido a uma atmosfera de oxigênio, o que cria uma camada de oxidação que recobre as gotículas e impede que o metal líquido se solidifique. Chang então desenvolveu uma técnica para misturar essas partículas de forma homogênea com um material elástico, sem quebrar as partículas.

Quando o material híbrido é submetido a tensões mecânicas - apertar, torcer, dobrar, espremer etc. - as partículas de metal líquido se abrem, o metal líquido flui para fora da cobertura de óxido, se funde e solidifica.

O resultado é a formação de uma malha metálica no interior do material, fazendo com que ele endureça como um todo.

Chang afirma que o novo material poderá ser usado em medicina, para servir como suporte para tecidos delicados, na indústria, para proteger sensores valiosos, em robótica mole e bioinspirada ou em eletrônicos reconfiguráveis e de vestir.

FCA confirma cisão da Magneti Marelli

06/04/2018 – Fonte: Automotive Business

A **FCA** Fiat Chrysler confirmou na quinta-feira, 5, que planeja fazer a cisão de sua fabricante de componentes, a **Magneti Marelli**, e distribuir as ações resultantes entre seus acionistas. A separação deve ocorrer até o fim deste ano ou início de 2019.

A notícia foi divulgada pelo site Automotive News. Sergio Marchionne, CEO da FCA, disse que o desmembramento permitirá que a montadora se concentre em seu negócio principal, os automóveis. O desligamento total da Marelli deve ocorrer em cerca de dois anos.

"A separação entre a FCA e a Magneti Marelli é um ingrediente-chave do nosso plano de negócios 2018-2022, que será comunicado em junho", afirmou Marchionne em comunicado.

De acordo com a FCA, a separação irá "agregar valor aos acionistas, ao mesmo tempo em que vai proporcionar a flexibilidade operacional necessária para o crescimento da Magneti Marelli nos próximos anos".

Segundo a agência Bloomberg, a Magneti Marelli pode ser avaliada em cerca de US\$ 6 bilhões. E ocupa o 28º lugar em um ranking com os 100 maiores fornecedores globais. Suas vendas mundiais para as montadoras somaram US\$ 8,2 bilhões no ano fiscal de 2016.

Produção cresce 14,6% no ano com alta de vendas

06/04/2018 – Fonte: Automotive Business



Fábricas produziram quase 700 mil veículos no primeiro trimestre, mas ociosidade média ainda chega a 40%

A **produção** das fábricas brasileiras de veículos segue gerando boas notícias de crescimento, com o melhor resultado mensal e trimestral desde 2014.

Com a rara combinação da alta das vendas domésticas – os emplacamentos de leves e pesados produzidos no País avançaram 14,7% no primeiro trimestre, para 481,7 mil unidades – e expansão continuada das exportações (180,2 mil embarcados), a produção nacional soma nos três primeiros quase 700 mil automóveis, utilitários, caminhões e ônibus de janeiro a março, o que representa sustentado aumento de 14,6% sobre igual período de 2017.

Com 267,4 mil veículos produzidos só em março, houve também expressiva alta de 25,3% sobre fevereiro (quando a produção foi prejudicada pelo carnaval e menor número de dias trabalhados) e avanço de 13,5% na comparação com o mesmo mês do ano passado.

De fevereiro para março os estoques cresceram de 226,5 mil para 23,7 mil veículos parados nos pátios das montadoras e concessionárias à espera de compradores. Este volume corresponde a 34 dias de vendas seguindo o ritmo verificado no mês passado, um a mais do que em fevereiro, o que é pela indústria considerado um nível “razoável”.

OCIOSIDADE E CONTRATAÇÕES

Antonio Megale, presidente da Anfavea, a associação dos fabricantes instalados no País, destacou que a produção do primeiro trimestre (700 mil) já está bastante próxima da média de 718 mil verificada nos três primeiros meses dos últimos 10 anos (desde 2008). Mas ainda está bastante abaixo do pico histórico de 862 mil atingido entre janeiro e março de 2013.

“A indústria ainda opera com ociosidade elevada”, observou Megale, apontando que na média as linhas de produção no País têm 40% de tempo ocioso, ou usam apenas 60% da capacidade total – estimada em 5 milhões de veículos/ano. O índice de capacidade ociosa é menor nas fábricas de automóveis, 37%, e muito maior nas plantas de caminhões e ônibus, 70%.

A Anfavea manteve inalterada a projeção de que a produção nacional de veículos deve somar 3 milhões de unidades em 2018, em avanço de 13,2% sobre 2017. Com esse desempenho, a ociosidade média das fábricas se manterá em 40%.

O nível de emprego está voltando a crescer entre os fabricantes de veículos. Até o fim de março o setor empregava o total de 131.221 pessoas, número 3,4% superior ao registrado no mesmo mês do ano passado, com 4.335 funcionários a mais.

Vem caindo também o contingente de trabalhadores afastados, somando 1.535 ao fim de março. Eram 936 em Programa de Seguro Emprego, em jornada reduzida, mas o número com suspensão temporária de contrato de trabalho, o layoff, subiu de 498

para 599 de um mês para outro. "Esse aumento de cerca de 100 pessoas em layoff é pontual, deve ter ocorrido por causa de alguma paralisação para atualização de alguma fábrica", explica Megale.

"BOM PROBLEMA" COM FALTA DE PEÇAS

O aumento continuado da produção pode começar a formar gargalos no fornecimento de autopeças, o que Megale classifica como "um bom problema". Ele reconhece que a indústria de componentes passou pela crise dos últimos anos com sofrimento maior do que o das montadoras, "até pelo tamanho mais reduzido de algumas e falta de capital de giro, que é caro no Brasil, por isso a recuperação no setor é mais lenta".

"Mas as empresas estão fazendo esforço para atender o aumento da produção. O próprio Sindipeças (que reúne os fornecedores) avalia que existem problemas pontuais na cadeia de fornecimento, não é sistêmico", avalia Megale. "Esse é portanto um bom problema para resolver."

Produção de veículos é a melhor desde 2015

06/04/2018 – Fonte: DGABC

No 1º trimestre, houve aumento de 14,6%, com 699.657 unidades; pesados seguem em alta

O primeiro trimestre de 2018 teve resultado positivo para a indústria automobilística, com a produção de 699.657 veículos, número 14,6% maior do que nos três primeiros meses do ano passado e o melhor resultado para o período desde 2015. O balanço foi divulgado ontem pela Anfavea (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores).

O mês de março registrou a fabricação de 267.460 unidades, alta de 25,3% ante fevereiro (213.480) e 13,5% superior a março de 2017 (235.557). "Os dados mostram que as previsões começam a se concretizar, e a situação do País como um todo começa a melhorar.

É um setor que tem uma longa cadeia, um fator multiplicador muito grande. O consumidor tem cada vez mais vontade de comprar carro zero-quilômetro, associado à taxa de juros mais baixa, retomada de financiamento e geração de empregos. É o que mostram os resultados", disse o presidente da Anfavea, Antonio Carlos Megale.

O destaque, no entanto, mais uma vez ficou por conta dos pesados. A produção de caminhões cresceu 55,1% no trimestre (24.427) e, a de ônibus, 67,4% (6.886) em relação a igual período do ano passado. Mudanças nas condições de financiamento desde o início do ano, como zero de entrada e parcelamento em 60 vezes, podem ter influenciado na maior demanda no mercado interno.

"O aumento (da venda) de caminhões também sinaliza o crescimento da economia. Porém, o País precisa de melhor infraestrutura logística para avançar nesta questão", disse o vice-presidente da entidade, Luiz Carlos Gomes.

O estoque total do setor automotivo também diminuiu de 41 dias em fevereiro para 34 em março. A previsão é de que o segmento cresça em 13,2% neste ano. "A gente lembra que há três ou quatro anos a gente tinha mercado de 3,8 milhões de veículos e, em 2018, nossa previsão é de fechar com 2,5 milhões, número muito aquém dos melhores anos. Há necessidade da renovação da frota, já que, à medida em que os carros ficam um pouco mais velhos, essa demanda é ampliada", avaliou Megale.

ROTA 2030 - Questionado sobre o programa do governo federal voltado à expansão do setor automotivo, o Rota 2030 – que tem expectativa de definição em reunião no

dia 12 em Brasília –, o presidente da associação se demonstrou favorável à proposta de transição.

Dessa forma, o incentivo fiscal (no valor de até R\$ 1,5 bilhão) para montadoras que investirem em P&D (Pesquisa e Desenvolvimento) poderia ser obtido pela dedução em qualquer imposto federal no período de três anos. E, passado o período, as fabricantes seriam incluídas na Lei do Bem, criada em 2005, pela qual a dedução só pode ser feita em dois impostos: IR (Imposto de Renda) e CSLL (Contribuição Social sobre o Lucro Líquido).

“É bastante positivo. Porque o modelo destes créditos é similar ao do Inovar-Auto (projeto de incentivos do governo anterior que vigorou até dezembro), que funcionou muito bem. A gente sabe que é um momento importante para as empresas se utilizarem disso. E, mais à frente, com a Lei do Bem, que pode ser até um pouco aperfeiçoada para contemplar esta situação”, disse. A opinião de Megale diverge da de atores do setor ouvidos pelo Diário, que avaliam essa proposta como ineficaz.

Um dos pontos negativos citados é que a legislação prevê que as empresas tenham lucro. Além disso, elas precisam apresentar certidão negativa de débitos e adequação aos critérios do P&D. “Não vejo nenhuma dificuldade. O que vemos é que os resultados, ainda com o mercado em baixa, não estão muito expressivos. Então, muitas das empresas têm resultados negativos. Temos certeza de quando o mercado melhorar esta situação vai se reverter”, comentou.

Questionada sobre a reunião do dia 12, a Casa Civil reiterou que o tema ainda está em análise, sem previsão de data para conclusão ou confirmação de agenda.

Ritmo de expansão das vendas de veículos tende a diminuir, avisa Anfavea

06/04/2018 – Fonte: Automotive Business



Resultados seguirão em recuperação, mas com evolução mais discreta

Depois do forte crescimento nas **vendas de veículos** no primeiro trimestre do ano, a Anfavea espera que o ritmo da expansão diminua nos próximos meses, com desenvolvimento mais discreto em relação ao ano passado. Isso acontece porque a base de comparação fica mais forte, já que 2017 começou com o mercado contraído, mas os números melhoraram gradativamente.

“Com esta mudança, os resultados tendem a convergir para as nossas projeções nos próximos meses”, disse Antonio Megale, presidente da associação dos fabricantes de veículos, durante coletiva de imprensa na quinta-feira, 5.

Assim, o executivo segue confiante de que não será necessário revisar para cima as projeções para o ano.

“Devemos rever o panorama para máquinas agrícolas, que deve ser melhor do que esperávamos. Quanto ao segmento de autoveículos, vamos aguardar os próximos meses para traçar novas projeções se for preciso”, avalia.

Com isso, a entidade mantém a expectativa de que o mercado interno absorva 2,5 milhões de unidades até o fim do ano, com aumento de 11,7% na comparação com 2017.

MÉDIA DIÁRIA MAIOR E MAIS CRÉDITO

Mesmo com a perspectiva de que o aumento das vendas aconteça em proporção mais discreta, Megale destaca que o crescimento é consistente.

“É importante que a indústria mantenha, que não volte a cair”, diz. A Anfavea aponta que, no primeiro trimestre do ano, a média diária de vendas manteve patamar elevado, próximo de 10 mil emplacamentos/dia. Em março foram licenciados 9,8 mil veículos novos diariamente.

“Pela sazonalidade, este número deve aumentar pelo menos 10% nos últimos meses de 2018, que são tradicionalmente mais aquecidos”, calcula o executivo. Assim, se tudo acontecer conforme o esperado, a tendência é que entre novembro em dezembro o mercado interno alcance média diária acima das 11 mil unidades.

Megale aponta que há um fator capaz de estimular este movimento: a expansão da oferta de crédito.

“A taxa Selic está baixa, mas esta redução ainda não chegou lá na ponta. Devagar isso vai acontecer”, projeta. Dessa forma, tomar crédito para comprar carro poderá ficar mais barato para o consumidor e os financiamentos voltarão a ganhar força. Atualmente de 53% a 54% dos veículos negociados são parcelados, abaixo do patamar tradicional para o mercado brasileiro, que era acima de 60% há alguns anos.

1º TRIMESTRE DE CRESCIMENTO

Com 545,5 mil veículos negociados, o primeiro trimestre terminou com aumento de 15,6% nos emplacamentos. A maior alta aconteceu no segmento de ônibus, que avançou 54,2% para 2,7 mil chassis.

A demanda por caminhões somou 14,5 mil unidades, volume 50,4% superior ao registrado um ano antes. Já as vendas de veículos leves somaram 528,2 mil carros, com avanço de 14,7%.

O resultado isolado de março foi o melhor do ano até agora, com 207,4 mil licenciamentos e expansão de 32,2% sobre fevereiro e de 9,6% na comparação com março de 2017.

Com vendas em alta, produção de caminhões avança 55% no trimestre

06/04/2018 – Fonte: Automotive Business



Com as vendas e exportações aquecidas, a **produção de caminhões** avançou 55% no primeiro trimestre quando comparado com igual período do ano passado, apontam os dados da Anfavea divulgados na quinta-feira, 5.

A associação das montadoras indica que foram entregues de janeiro a março mais de 24,4 mil unidades: há um ano, este volume era de 16 mil. Só em março, as linhas de produção elevaram seus volumes em 28% sobre o total feito em fevereiro, ao atingirem as 9,9 mil unidades. Sobre março de 2017, este volume foi 67% maior.

A retomada das vendas é um dos principais fatores que impulsionou o ritmo das linhas de montagem: no primeiro trimestre, o mercado brasileiro comprou 14,5 mil unidades, 50,4% a mais do que em iguais meses do ano passado.

Março contribuiu com quase 6 mil caminhões, aumento de 46,8% sobre o volume de 4 mil licenciados em fevereiro. Também houve avanço de 44,5% sobre março de 2017, quando o setor havia vendido 4,1 mil veículos pesados.

Megale explica que o setor de transporte de cargas é termômetro do PIB: "Se estamos vendendo caminhões é porque a economia vai bem", argumenta. "Abril já começou bem, com média diária acima de 300 unidades", revela.

Em março, a média de vendas de caminhões foi de 282 unidades nos 21 dias úteis do mês. Ele aponta que vários fatores vêm contribuindo para os volumes mais elevados neste ano e cita que o mercado agora conta com mais alternativas de financiamento além do Finame (BNDES), como o CDC (crédito direto ao consumidor), que passou a ser uma opção competitiva para os transportadores, além do leasing operacional, que vem sendo utilizado por algumas empresas.

Assim como o mercado interno, as exportações também seguem em alta: nos primeiros meses do ano, o volume subiu 25,3% na comparação anual, para pouco mais de 7,3 mil unidades.

Contudo, o executivo considerou que a ociosidade do segmento segue em alta: atualmente, a indústria nacional de comerciais pesados está utilizando apenas 30% de sua capacidade total. "É um crescimento que traz bons números, mas ainda precisa crescer mais: este volume de 14,5 mil nos remete ao nível de vendas de 2003", lembra Megale.

O vice-presidente da entidade, Luiz Carlos de Moraes, lembra ainda que a base de comparação ainda é muito baixa, embora ele indique otimismo por parte das fabricantes: "O telefone está tocando", afirma, em alusão ao maior movimento nos departamentos de vendas e no setor de distribuição. Moraes afirma que há crescimento em todos os principais subsegmentos da economia, com destaque para o agronegócio.

"Este crescimento de 50% no trimestre confirma que estamos no caminho certo para alcançar a nossa previsão de aumentar de caminhões as vendas em 25% neste ano. Vamos parar de falar de queda e falar de crescimento agora. Com o crescimento da economia, previsto entre 2,8% a 3%, acreditamos que o segmento volte a ter mais representatividade no crescimento do País."

Venda de máquinas mantém queda no trimestre

06/04/2018 – Fonte: Automotive Business

A **venda de máquinas** agrícolas e de construção em março anotou 3,5 mil unidades e alta de 46,8% sobre fevereiro, que teve menos dias úteis por causa do carnaval. No acumulado do **trimestre**, porém, as 7,5 mil máquinas repassadas às concessionárias apontam uma queda de 19,1% ante o mesmo período do ano passado.

Ainda assim, os fabricantes estão otimistas e afirmam que o setor terá seus números revisados para cima antes de outros segmentos, como automóveis e caminhões. Os

números foram divulgados pela Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea).

“Teremos a reversão dessa queda no segundo semestre. Ela será mais rápida se o novo Plano Safra for divulgado já neste mês de abril como prometeu o governo e se a linha de crédito estiver disponível no momento do anúncio do plano”, afirma o vice-presidente da Anfavea, Alfredo Miguel Neto.

A projeção atual é de 46 mil unidades para o mercado interno em 2018 e pequena alta de 3,7% sobre o ano passado. A expectativa de crescimento se apoia em uma boa colheita de grãos este ano.

A confiança da Anfavea na reversão da queda vem dos bons resultados de feiras agrícolas que já ocorreram este ano e da esperança depositada na Agrishow, principal evento do setor, que ocorre entre 30 de abril e 4 de maio.

“Para essa feira existe uma grande expectativa de negócios em agricultura de precisão e prestação de serviços, é por esse caminho que o agricultor está indo”, afirma Miguel Neto.

A Anfavea também acredita que os produtores brasileiros vão tirar proveito do comércio com a China, que começa a sobretaxar produtos dos Estados Unidos. A seca enfrentada pela Argentina também tende a favorecer o agronegócio brasileiro.

EXPORTAÇÕES CRESCENTES

As exportações somaram no primeiro trimestre 2,9 mil máquinas e crescimento expressivo de 31,7% sobre os mesmos meses de 2017: “Essa alta decorre do embarque de máquinas de construção para os Estados Unidos, que estão com suas fábricas sobrecarregadas. Também temos enviado esses equipamentos para o Canadá. A Argentina ainda permanece como nosso principal comprador, mas de máquinas agrícolas”, diz o vice-presidente da Anfavea.

A exportação de tratores de esteiras somou 721 unidades no trimestre (alta de 189,6%). Nesse período o Brasil também enviou 602 retroescavadeiras ao exterior (alta de 72,%). Em valores, a exportação de máquinas agrícolas e rodoviárias atingiu US\$ 876,2 milhões, quantia recorde para o primeiro trimestre.

A alta nas exportações permitiu até que a produção nacional registrasse um pequeno crescimento sobre 2017, a despeito da retração nas vendas internas. No acumulado do ano foram montadas no País 12 mil máquinas agrícolas e de construção, 0,9% a mais que nos primeiros três meses de 2017.



Exportação recorde nunca foi tão alta no 1º trimestre

06/04/2018 – Fonte: Automotive Business



Fabricantes embarcaram para fora 180 mil veículos nos três primeiros meses do ano

As **exportações de veículos nunca foram tão altas no primeiro trimestre** de qualquer ano anterior, com recorde histórico de 180,2 mil veículos produzidos no Brasil embarcados para outros países nos primeiros três meses do ano, em alta de 3,3% sobre igual período de 2017. “É um setor valorizado, que entrou de vez nos planos das empresas”, justificou Antonio Megale, presidente da Anfavea, a associação dos fabricantes instalados no País.

“São números positivos que estamos no caminho para mais um ano de recorde de exportação, chegando a 800 mil veículos que prevemos exportar em 2018”, reforçou Megale, em cima da projeção da entidade que antecipa alta de 5% nas exportações este ano, superando o recorde de 2017, de 766 mil unidades.

Em março isoladamente, as exportações somaram 67,5 mil veículos, número 1,8% maior que o de fevereiro, mas 3,3% inferior ao mesmo mês do ano passado. “É um movimento pontual, um embarque a menos ou a mais não está alterando o ritmo das exportações, que continua forte”, explica Megale.

RECORDE TAMBÉM EM VALORES

As exportações em valores também bateram recorde: foi o melhor faturamento de vendas externas para o mês e também para o primeiro trimestre.

Em março os embarques de veículos, máquinas agrícolas e de construção, além de componentes enviados para fora pelas próprias montadoras, renderam US\$ 1,57 bilhão em divisas ao País, cifra 6,5% maior que a registrada em fevereiro e 18,4% acima do mesmo mês de 2017.

A queda no mercado doméstico por três anos seguidos, aliada à produtos de maior qualidade fabricados no País, incentivaram o lado exportador dos fabricantes de veículos. Também ajuda as negociações de acordos comerciais entre países, como o fechado com a Colômbia no ano passado.

Megale avalia que o aumento das exportações do setor é uma tendência que veio para ficar, mesmo com a melhoria das vendas internas, que ainda são insuficientes para preencher toda a capacidade de produção instalada – as fábricas ainda operam com média de 40% de ociosidade.

Paralisação da Anglo afetará Conceição do Mato Dentro

06/04/2018 – Fonte: Diário do Comércio

Sede de uma das principais operações da mineradora Anglo American, o município de Conceição do Mato Dentro, no Médio Espinhaço, terá um rombo em sua arrecadação com a paralisação das operações da empresa e, automaticamente, do recolhimento da Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais (Cfem).

Devido aos vazamentos de minério de ferro ocorridos no mineroduto Minas-Rio, a companhia produziu por poucos dias em março e, nesta semana, anunciou paralisação por mais três meses das atividades.

Em 2017, a Cfem representou cerca de 60% da receita total do município, que agora ainda deve sofrer com retração do consumo interno, já que parte dos funcionários da Anglo que moram na cidade receberá férias coletivas a partir do próximo dia 17. O comércio deve sofrer uma queda de 30% no volume de negócios.